

André Carvalho

# *A Conciliação*

Copyright © 2018 André Carvalho

Todos os direitos reservados.

ISBN-13: 9781980510970

*Para aqueles que acreditaram  
nesta história do começo ao fim*

## PRÓLOGO

**O** que você faz quando perde tudo? O que você faz quando olha para si mesmo e vê que perdeu a pessoa que ama? Essa é uma pergunta difícil.

Bem... às vezes tudo se parece como um teste, um teste da vida... de escolhas e conhecimento. Você tem que enfrentar o problema por si próprio para conhecê-lo profundamente.

Ninguém disse que a vida seria ou deveria ser fácil. É o contrário, na verdade. A vida é difícil, é um saco e precisamos entender o que será de nós.

A vida pode nos enganar, a vida pode nos pregar peças e estamos aqui justamente para isso. Mas nossa tarefa, nossa missão é enganá-la de volta, pois somente nossas escolhas podem definir quem somos.

6 de Janeiro de 2010, Quarta-Feira.

— Hoje vocês entraram aqui como duas pessoas, mas sairão como uma só. Uma união de suas vidas e almas. Eterna. Uma história que caberá somente a vocês escrever. E a todos aqui presentes, testemunhas desse amor, desse comprometimento, serão também parte importante dessa nova etapa que começa agora. Pois é assim que vos declaro marido e mulher.

Era uma noite nublada de sábado quando eu e David voltávamos da anual e clássica *Winter-Night Party*. Era uma festa que sempre rolava em um lugar diferente a cada ano, sendo que um dos principais objetivos dos organizadores era sempre realizar um evento ainda maior que o do ano anterior. Faz um tempo que essa loucura começou e é incrível como ano após ano somos novamente surpreendidos pela grandiosa produção. Era um lugar para todos os gostos, para todas as idades e esse era o grande segredo do grandioso sucesso.

Claro que um evento desse porte requer um local adequado e é por isso que as grandes cidades eram sempre as premiadas. Premiadas sim, claro... Era uma excelente atração para a cidade, mesmo que fosse por pouco tempo. Pessoas de todo canto do país e até de fora compareciam.

Não preciso nem dizer que ela nunca tinha acontecido na pequena e aconchegante *Whiteview*, uma cidadezinha ao norte da Califórnia, onde moro. Entretanto, desde que David e eu nos conhecemos e ele me convenceu a ir pela primeira vez, fizemos disso um compromisso anual. Era a *nossa* noite. Uma noite para esquecer de tudo, para se divertir e não pensar no amanhã.

Um pouco imprudente, se me permito dizer. Contudo, se existia um momento para que eu e David pudéssemos extravasar, o momento era esse.

Sáímos de lá muito tarde da noite... ou será que era muito cedo da manhã? Seja como for, estávamos exaustos. Tivemos que caminhar por alguns minutos até encontrar nosso carro, que estava longe até demais.

David cambaleava um pouco e sorria abobalhado para mim.

Vamos deixar uma coisa clara aqui, ok? Não somos de beber, não mesmo. Principalmente eu... mas algumas escapadinhas, às vezes, não faz mal à ninguém.

Como sabíamos que alguém teria que dirigir na volta, me segurei... talvez mais do que gostaria.

*Ano que vem chamaremos um táxi!*

Eu trazia um dos braços de David sob meu ombro e não conseguia segurar o riso quando ele beijava minha bochecha.

— Você não se cansa nunca, não é? — Caçoei, estendendo minha mão a ele. — As chaves. Serei sua motorista esta noite, o que acha?

— Oooh, eu gosto disso... Minha motorista. — Respondeu, lançando-me um olhar provocador.

Ele tirou as chaves do bolso e quase tropeçou numa pedra que não conseguiu ver. O lugar era muito mal iluminado, mas consegui pegá-lo no último segundo, quando David apontou para um carro prata

que se destacava num mar de outras cores. Ao pararmos ao lado do carro ele me agarrou subitamente, me deixando sem fôlego com um beijo intenso. Quando finalmente pude respirar, o abracei com força.

— Eu te amo — deixei essas três palavrinhas soarem livremente à medida que os lábios de David se arqueavam num sorriso perfeito. Um sorriso que me dizia tudo que eu precisava saber.

Quando entramos no carro, David ligou o som. Dei partida e logo saímos do estacionamento. Em poucos minutos estávamos percorrendo a rodovia.

— Esta noite valeu a pena, não?

— Com certeza! — Respondi, sorrindo.

Dirigi tranquilamente por mais alguns quilômetros e, conforme íamos prosseguindo, a quantidade de postes de iluminação diminuía.

Continuei e entramos numa área que parecia ter saído de um filme de fantasmas. David, desconfiado, me perguntou se estávamos no caminho certo, pois ele não se lembrava daquele trecho. Diminui a velocidade e começamos a prestar atenção. Poucos metros



percorridos, David avistou um caminho à direita naquela estrada sem fim e eu, ao mesmo tempo, notei outro caminho à esquerda. Ótimo, pensei, estamos perdidos. Reduzi ainda mais a velocidade, quase parando, tentando me aproximar de um acostamento quase inexistente e David olhou para o seu lado esquerdo, através da minha janela. Um barulho muito distante chamara sua atenção, mas ele não conseguiu enxergar nada naquele breu total.

— Acho que estamos perdidos. Não acha melhor ligar para... — nunca tive a chance de terminar o que pretendia dizer, pois subitamente minha atenção tinha sido atraída completamente para o barulho que David ouvira anteriormente. Ele agora parecia mais próximo e a última coisa que vimos foi uma luz ofuscante se aproximando.

Os minutos seguintes se resumiram a escuridão total...

# I

12 de Fevereiro de 2011, Domingo.

**E**stava quase anoitecendo quando eu voltava de uma longa viagem a trabalho. Da janela do táxi vi o sol se pondo.

Semana passada fui enviada à Nova York para cuidar de um caso de uma empresa milionária, cliente do escritório de advocacia em que eu trabalhava, o maior de *Whiteview*. Quando digo maior, na verdade, quero dizer o único de grande porte da região.

Como acabei lá? Bem, contarei um pouco da minha história.

Nos meus tempos de criança, morando em Nova York, eu sonhava em ser advogada e recebia o maior apoio dos meus pais e minha irmã caçula. Meu pai foi um grande advogado criminalista e trabalhava num dos maiores escritórios da cidade.

Quando eu estava próximo de terminar o ensino médio, algo devastador aconteceu em minha vida. Meu pai se foi. Mas não naturalmente. Fora assassinado. Tudo o que sei até hoje foi o que minha mãe me contou, com muita relutância, após diversos pedidos de esclarecimento. Era horrível, sim, mas eu precisava saber. Ela também não tinha total conhecimento de tudo, e o que sei é que velhos comparsas dos piores bandidos da cidade, os quais meu pai ajudou a mandar para trás das grades não estavam nada felizes com o sucesso e eficiência dele.

Dói lembrar disso. Ainda mais porque o caso nunca foi concluído. O submundo do crime de Nova York era tão entranhado em corrupção que se tornou quase impossível descobrir o que realmente havia acontecido.

Passados dois meses minha mãe decidiu se mudar. Dizia ela que não poderia mais ficar naquele lugar, pois as lembranças eram fortes demais para serem trazidas à tona. Sem contar o perigo para minha

irmã e eu. E foi assim que nos mudamos para *Whiteview*, o lar da minha mãe quando pequena.

Ela costumava dizer que precisava se mudar para fugir das lembranças, mas tempos depois percebi que ela apenas queria ficar próxima dos seus pais novamente. Meus avós maternos eram de idade muito avançada, mas nos ajudaram naqueles tempos difíceis da melhor maneira que conseguiram... até não puderem mais.

Assim, com o descontento de minha mãe, decidi seguir a carreira que meu pai tanto prezava.

Ao nos mudarmos para *Whiteview*, foi difícil para minha mãe me manter em uma boa escola. Tínhamos nossas economias, claro, embora não fosse o suficiente. Mesmo assim, eu me esforçava o máximo para manter meu histórico impecável. Tão impecável que lutei até conseguir que minha inscrição em Stanford fosse aceita.

Eu sabia que meu pai estaria orgulhoso de mim, onde quer que estivesse. Eu queria seguir os seus

passos. Queria me tornar uma grande advogada. E assim foi.

Terminei a faculdade e me inscrevi para um cargo no Departamento de Justiça do Estado da Califórnia. Era uma enorme responsabilidade e eu teria que me mudar para Los Angeles. Mas não desisti e fui até o fim. Após um período tenso de estudos, consegui a aprovação, sendo uma das primeiras colocadas.

Ah claro, não posso esquecer que a mera menção do meu pai me fez ser recebida de braços abertos. Eram muitos os que o conheciam e o admiravam, principalmente por todo seu extenso trabalho realizado no outro lado do país. Eu sei que poderia me beneficiar disso... Ser filha do grande Jack Harris me trazia algumas prerrogativas. Entretanto, decidi que seria eu quem construiria meu caminho. O mérito deveria ser meu. Eu deveria ser a melhor, não por ser filha de um grande homem, mas sendo uma grande mulher; uma grande profissional.

Batalhei ano após ano até assumir um cargo próximo ao Procurador-Geral do Estado. Era uma

grande honra e responsabilidade. Mas após um tempo, comecei a me sentir estranha naquele lugar. Eu sabia que estava em um dos melhores lugares para trabalhar, mas algo não me parecia certo. Eu não estava completamente feliz ali.

*Desculpe, papai.*

Naquele mesmo ano, recebi a pior notícia possível, depois que meu pai se fora. Minha mãe havia sofrido um AVC. Recebi a notícia de minha irmã, que teve de me ligar durante uma reunião importantíssima. Os médicos não souberam explicar o que exatamente causou o acidente, mas de uma coisa eu e ela sabíamos: mamãe nunca tinha sido a mesma depois da morte de papai e piorava a cada ano. Sua saúde estava precária e nem mesmo os cuidados de minha irmã, que permaneceu em *Whiteview*, foram suficientes para evitar este terrível acontecimento.

Confesso que era uma tortura ter que seguir minha carreira em um lugar tão distante enquanto minha mãe se encontrava naquela situação. Discutimos diversas vezes, mas ela não queria que eu

voltasse. Sabia ela que minha chance em Los Angeles era única. Pode-se dizer que um dos motivos de eu estar aqui seria para deixá-la feliz, orgulhosa. Mas como posso realizar o desejo de uma pessoa tão importante para mim e fechar os olhos para o que talvez fosse mais importante ainda. O *meu* desejo.

Eu sempre achei que era isso que eu queria. Um cargo poderoso, importante. Ser uma mulher poderosa. Bem, isso eu não nego. Porém, não ali. Não naquele meio.

E não são as pessoas de lá. Sou eu e somente eu. Eu não sabia o que fazer a seguir. Sair, ficar?

Então minha mãe se foi. Sua morte me despertou daquele transe. Tive, então, que fazer a escolha mais difícil da minha carreira.

Deixei Los Angeles.

Fazia muito frio e enquanto eu percorria as ruas e avenidas do centro de *Whiteview*, podia ver pela janela do táxi a calma daquela cidadezinha. Era tão bom